

20-01-2020

Janeiro Branco

Bruno Chapadeiro

[Pós doutorando em Saúde Coletiva
Escola Paulista de Medicina - UNIFESP]

Tenho concatenado a tratar aqui das campanhas oficiais em saúde que “se coloreem” para ganhar o devido interesse público. Um feito invejável à [Kiésłowski](#) (rs). Irei hoje abordar a Campanha Janeiro Branco, que se propõe a dedicar o mês a reflexões sobre Saúde Mental. O chamado “Mal do Século”, que surge na literatura anglo-saxã do séc. XVIII e reverbera na 2ª Geração do Romantismo aqui no Brasil, caracteriza-se como um “*pessimismo extremo, em face do passado e do futuro, sensação de perda de suporte, apatia moral, melancolia difusa, tristeza, (...) ausência da alegria de viver, (...) desencanto em face do cotidiano, (...), falta de sentimento vital, depressão profunda, abulia, resultando em males físicos, mentais ou imaginários que levam à morte precoce ou ao suicídio*” (Moisés, 1998). Em resumo, o misto de sentimentos a que estamos todos atualmente subjugados, uma vez que “Doentes de Brasil” (nos dizeres da jornalista Eliane Brum), a julgar por, no mínimo, os indigestos motivos que elenquei em meu artigo de dezembro nesta coluna. *Lato sensu*, o estresse, a ansiedade, a depressão e o suicídio são os 4 cavaleiros do apocalipse pós-moderno. A OMS - Organização Mundial da Saúde (2017) aponta que, no Brasil, a depressão atinge 11,5 milhões de pessoas (5,8% da população), enquanto transtornos relacionados à ansiedade afetam mais de 18,6 milhões de brasileiros (9,3% da população). Não obstante, como recém averiguam Capellano e Carramenha (2019), para 78% do/as brasileiro/as, o trabalho, e a falta dele, contribui (ou já contribuiu) com sofrimento psíquico e adoecimento mental (sendo a maior incidência entre mulheres negras, 85%). Ansiedade, depressão, insônia, síndrome do pânico, *burnout* (que já acomete 20 milhões de pessoas no país de acordo com Abdo, 2019) e uso de remédios controlados, álcool e drogas ilícitas, entre outros, foram algumas das consequências relatadas. As violências psicológicas (metas/cobranças desmedidas e assédio moral), a falta de coerência do mercado em termos de carreira e regulação salarial, a escravidão num emprego que não gera realização (mas que oferece benefícios como plano de saúde), as expectativas ante os círculos relacionais (familiares e amigos) quanto a um status de renda e posição social a serem atingidos, as angústias decorrentes das mudanças tecnológicas e o futuro do trabalho são apontadas como as principais causas de sofrimentos e adoecimentos mentais. O tema parece ter ganho o interesse da grande mídia. Revistas de cariz gerencialista como “Você RH” (mar/19) e “Você S/A” (dez/19) trouxeram respectivamente, como matérias de capa, as seguintes chamadas: “*Causa Mortis: Trabalho*” e “*Por que estamos tão ansiosos?*”. O estudo supracitado constata que o problema se agrava após a crise econômica. A sensação de estar com o emprego em perigo é uma das causas alegadas de sofrimento mental. Fala-se hoje, inclusive, de uma Psicopatologia do Desemprego (Seligmann-Silva, 2011).

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PnadC/IBGE), no ano de 2014, o Brasil registrou a menor taxa média de desemprego da série histórica (6,8%) com 7.049mi desempregados(as), pouco abaixo dos 7,1% (7,755mi) de 2013. Sendo o início da recessão econômica “oficialmente” no 2º trimestre de 2014, essa estatística passa a 9,8% em 2015 (7,934mi), tendo crescido vertiginosamente nos anos subsequentes (11.089mi em 2016 e 14.176mi em 2017). Mesmo a recessão tendo alcançado seu fim “oficial”, no 1º trimestre de 2017, os dados mais recentes da PnadC do 3º trimestre de 2019 apontam ainda uma taxa de desemprego de 11,2%, sem falar nos 22% de “desalentados” (Lameiras *et al*, 2019), aqueles(as) que gostariam de trabalhar mas deixaram de procurar ocupação por falta de esperança. Em Almeida *et al* (2019), vemos que no período de 2006 a 2017, foram registrados 8.474 casos de Transtornos Mentais Relacionados ao Trabalho (TMRTs) no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no Sistema Único de Saúde (SUS). Os TMRTs são atualmente a 3ª maior causa de incapacidade para o trabalho e de perda de dias de trabalho (250 milhões de dias perdidos) representando 79% dos afastamentos no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), em que foram concedidos 6.488 (4,5%) auxílios-doença acidentários (B91) no período entre 2012 e 2016, atrás somente das lesões e evenenamentos com 93.982 benefícios (64%) e das doenças do sistema osteomuscular com 34.449 (24%) (Brasil, 2017). Foram gastos cerca de R\$ 20bi com benefícios acidentários no período citado. No que tange à Saúde Mental Relacionada ao Trabalho (SMRT), os dados que temos provenientes do SUS, do INSS e do Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho, ainda não dão conta de abarcar a totalidade do problema devido às subnotificações e mesmo à falta de registros que estabeleçam o imprescindível nexo (con)causal entre o trabalho (ou a falta deste) e o agravo/adoecimento mental. Como, por exemplo, se pensarmos numa *normopatía*, ou seja, nas pessoas que bloqueiam a percepção dos próprios sentimentos de mal-estar evitando o sofrimento mental e tendendo a ignorá-lo não recorrendo à ajuda especializada e recaindo no *presenteísmo* (comparecer ao trabalho de corpo presente, porém adoecido/a). Nota-se que, quando falamos em Saúde Mental nos tempos atuais, é privilegiado quem a tem. ■■■

Referências

- Abdo, CHN. Esgotamento total. *Revista ÉPOCA*, São Paulo, n. 1119, p. 28-36, 16 dez. 2019.
- Almeida, MMC *et al*. *Boletim Epidemiológico - Transtornos mentais relacionados ao trabalho no Brasil, 2006-2017*. Brasília: MS, 2019.
- Brasil. Anuário Estatístico da Previdência Social. *Ministério da Fazenda, Secretaria de Previdência, Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência*. Brasília: MF/Dataprev, 2017.
- Brum, E. Doente de Brasil. *Coluna Opinião. El País*. Edição de 2 ago 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044_448590.html. Acesso em 9 jan 2020.
- Capellano, T; Carramenha, B. *Trabalho e sofrimento psíquico: Histórias que contam essa História*. São Paulo: Atarukas Produção Editorial, 2019.
- Lameiras, MAP *et al*. Carta de Conjuntura. Número 45 - 4º Trimestre de 2019. Seção VIII. Mercado de Trabalho. *Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada - IPEA*, 2019.
- Moisés, M. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- Seligmann-Silva. *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Cortez, 2011.
- World Health Organization. *Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates*. Geneva: WHO, 2017.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.